

VOGGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.*
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E FOLHA DE BORDADOS

A ILUSTRE ARTISTA ILDA STICHINI NO PAPEL DA PROTAGONISTA DA «MORGADINHA DE VALFLOR»

(Foto Bobone)

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid

VIDA ELEGANTE

FESTAS DE CARIDADE

«La Verbena de La Paloma» — O interesse que está despertando no meio mundano a elegante récita de caridade que no próximo mês de Abril se realizará no teatro de S. Carlos, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, à frente da qual se encontra a sr.^a D. Maria Ana de Lancastre Ferrão de Castelo Branco, na qual será representada pelo brilhante grupo de amadores da velha guarda, que há perto de dez anos representou no Politeama, a inspirada zarzuela chica de Breton «La Verbena de La Paloma», com algumas novas modificações, é cada vez maior.

Os pedidos de bilhetes devem ser dirigidos para casa da sr.^a D. Maria Ana de Lancastre Ferrão de Castelo Branco, rua da Imprensa Nacional, 86, telefone Norte 790.

FESTAS DE HOMENAGEM

Nota da assistência na noite de 21 de Março último à récita que, no Teatro da Trindade, a empresa Lucília Simões-Erico Braga ofereceu aos cronistas mundanos e nossos presados colegas na imprensa, sr. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, o primeiro dos quais redactor desta secção.

Madame Cardoso de Oliveira e filhas, Viscondessa de Silveiras, Marquesa de Fontes Pereira de Melo, Condessa de Castro Sola e filha, Condessa de Serra da Tourega, Condessa de Castelo Mendo, Condessa de Ficalho, Condessa da Torre e filha, Condessa do Calhariz, Condessa da Folgosa, Condessa de Santar e neta, Condessa de Almoster, Condessa de Sousa e Faro, Condessa da Folgosa, Condessa de Farrobo, Viscondessa de Alvelos, Viscondessa de Olivã, Baronesa de Santa Comba Dão, D. Flora Fernandes Tomás de Sousa Rodrigues, D. Margarida Luz Coruche de Almeida, D. Maria Ana Portocarrero da Camara Mesquita e filhas, D. Tereza Iglezias Scarnichia, D. Eugénia Machado Ribeiro Ferreira e netas, D. Maria Tereza Pressler Pinheiro Chagas e filhas, D. Luísa Roque de Pinho de Oliveira Monteiro e filha, D. Amélia Pinto da Rocha, D. Luísa Cabral Metelo Barreiros, D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz, D. Herminia Dias Ferreira de Magalhães e Menezes, D. Camila de Paiva Raposo e filha, D. Maria de Sande Aires de Campos (Ameal), D. Capitulina de Guimarães Rino, D. Maria de Castelo Branco Arantes, D. Ester Abecassis Seruya e filha, D. Elisa da Costa Novais, D. Ana Cabral da Silva, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Suzana Aires de Castro, D. Maria do Carmo Belmarço Pereira de Carvalho, D. Amélia Salter Belmarço, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Annete Amzalack, D. Luzia Guedes de Andrade e filha, D. Judith Mendes da Costa Novais, D. Angélica Pavao Pereira da Rosa, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho, D. Justina de Melo Lobo da Silveira Sepulveda e filha, D. Arminda Machado Rangel dos Santos, Madame Alcobia Mascarenhas e Menezes, D. Maria Adelaide Luz da Gama Sepulveda, D. Maria Rosa de Liz Teixeira de Mendonça e filhas, D. Alice Pedroso Olimpio e filha, D. Maria Augusta de Carvalho Moraes, D. Angela de Castro e Fontes, D. Maria Emilia Infante da Camara de Trigueiros Martel, Madame Aisberg, D. Berta Bastos Mendes, D. Mary Peixoto, Madame Alberto de Oliveira, D. Maria Heloisa Moreira de Almeida Magalhães Colaço, D. Laura Saraiva Lima, D. Carmen Merimont Machado, D. Leonor Oliveira e Silva Marques Guedes, D. Adélia Palau de Roure, D. Emilia Frois, D. Alice Burquette, D. Maria Machado, D. Emilia Machado Sampaio e Maia, D. Sarah Leão da Fonseca, D. Maria de Melo e Castro Trigo, D. Lea Cohen Zagury e filha, Madame Pomba, D. Mécia Mousinho de Albuquerque e filha, D. Cristina Borges Horta e Costa, D. Alice Costa Botelho de Andrade, D. Maria Rosa Dantas Rodrigues dos Santos, D. Isaura de Castro Vaz de Araujo Sant'Ana, D. Justina Lobo da Silveira Abranches de Figueiredo, D. Aida Barreira Pinto Ferreira, D. Maria da Luz Chatillon, D. Maria Tereza Correia (S. Januário), D. Claudina Franco dos San-

tos, D. Maria Lorjô Tavares, D. Maria Bravo Drumont Ludovico, D. Sarah Burnay Paiva de Andrade, D. António Cardoso e Silva de Vasconcelos Porto, D. Maria Cristina de Guimarães Rino, D. Maria Luísa de Vasconcelos Porto Teles, D. Adelaide Lima Cruz e filhas, D. Maria das Dóres Cisneiros Machado da Cruz, D. Maria Guilhermina Rio de Carvalho, Madame Virgílio Marques da Costa, D. Dalila Correia Braga Costa do Lago, D. Maria Alice Correia Braga Pinto, D. Luna Anahory Pinto, Madame Izidro Aninha, D. Emilia Fassio de Aguiar, D. Elvira Sousa Martins e filhas, Madame Jaime de Sousa, D. Maria Soares de Oliveira, D. Amélia Santa Rita Gomes Neto, D. Emilia Pimentel, D. Emilia Assis de Brito, D. Maria Sarmiento Brandão, D. Catarina Vilhena de Sousa Rego, Madame Roldan y Pego, D. Ema Raquel Vieira de Matos e filha, D. Maria Eugénia de Melo e Castro de Barros, D. Ester Levy Mendes, Madame Cabral Sacadura, D. Maria Soares Pereira de Lacerda, D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Ana de Foyos de Freitas, D. Aurora de Albuquerque Pereira Leal, Madame Sommer Ribeiro e filha, D. Maria da Conceição de Eça Leal Abecassis, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Luísa de Sá Pais do Amaral Macieira, D. Lucinda Graça, D. Maria Tereza Nunes Correia Abrantes, D. Maria Rosalina Pinto Coelho Perestrelo de Matos, D. Maria Diogo da Silva Canela de Abreu, D. Margarida Barbosa Meyreles de Almeida, D. Maria Amélia Lazameta Simões, Madame Fernando Simões, D. Maria José de Aboim do Quental, D. Helena Calheiros Manso Preto, D. Sarah Monteiro de Araujo, D. Maria Adelaide Fernandes Costa Novais, D. Maria Luísa Paiva Raposo de Al-



A sr.^a D. Tetralda Ribeiro dos Santos e o tenente sr. João Carvalhais dos Santos, por ocasião do seu casamento realizado na sua residência, Casa de Fornelos, em Santa Marta de Penaguião, perto de Vila Real, no dia 3 de Março último

meida, D. Elisa Georgina da Silveira e Oliveira, D. Maria Caleia de Freitas, D. Zina Pomba Pereira Caldas, D. Henriqueta Reis, D. Cristina Palhares Dias Pereira, D. Maria Natália Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Paulina Pinto Parreira, D. Natália Cohen Contreiras, D. Ester Machado da Cruz Oliveira Duarte, Madame Monteiro de Carvalho e filhas, D. Maria das Dores de Albuquerque Lobato, D. Maria da Paz Batalha, D. Alice Teixeira Gomes Bastos, D. Gabriela Belard Silvano, D. Candida Ayres de Magalhães, D. Lidia Rebelo de Sousa, D. Aida Guedes de Andrade da Fonseca, D. Maria Loreto Mannel de Borja Trindade, D. Maria Sofia de Menezes Cardoso e Silva (Godim), D. Maria Francisca e D. Maria Leopoldina Mouron Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria Tereza de Saldanha Quintela (Farrobo), D. Maria Henriqueta Luz da Gama, D. Maria de Mendonça Taveira, D. Maria Margarida Barbosa Matos Chaves, D. Margarida Oliveira, D. Alice de Aguiar, D. Filomena Borges Lamárão, D. Ester de Castro, D. Maria Manuela Lobo da Silveira (Alvito), D. Maria Amélia e D. Maria de Lancastre de Freitas, D. Carolina Maria Silva, D. Maria Perpétua Luciano, D. Maria Amélia e D. Maria Julia de Melo, Mesdemoiselles Penha Soleiro, etc., etc.

SALÕES

Na noite de segunda-feira passada ofereceram na sua elegante residência à rua Miguel Bombarda, uma partida de «bridge», a sr.^a D. Carmen Merimont e o distinto cirurgião dentista

sr. dr. Mário Machado, a algumas pessoas das suas relações mais íntimas.

Além de animada conversação fez-se bela música, sendo pela meia noite e meia hora servida na sala de jantar uma finíssima ceia.

Os convidados retiraram-se verdadeiramente encantados com os deliciosos momentos que os ilustres donos da casa lhes proporcionaram.

CASAMENTOS

Na paroquial igreja de S. Jorge, em Arroios, sendo celebrante o reverendo prior cônego Martins Pontes, realizou-se com grande brilhantismo o casamento da sr.^a D. Arlete Aldegundes Sant'Ana, gentil filha da sr.^a D. Celestina Pereira Sant'Ana e do sr. Izidro José Sant'Ana, com o sr. José Bralio, filho da sr.^a D. Jacinta Bralio.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Aldegundes Mártires e D. Natalina Aveiro, e de padrinhos os srs. Joaquim José Mártires e Alfredo Nunes de Carvalho.

Findo o acto religioso os noivos partiram para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— Em capela armada na residência, em Braga, da sr.^a D. Maria da Glória Lima e do sr. Paulino Augusto José Fernandes de Lima, realizou-se o casamento de sua interessante filha D. Eduarda, com o sr. António Ferreira Dias. Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Maria da Conceição Cerqueira, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. António Ribeiro Cerqueira.

— Na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira realizou-se o casamento da sr.^a D. Henriqueta Pinto Leite com o sr. Augusto Darbelly Brandão, tendo servido de madrinhas madame Machado de Almeida e a sr.^a D. Leonor Brandão, tia do noivo, e de padrinhos os srs. Rodrigo Pinto Leite, pai da noiva, e Hermenegildo Brandão, tio do noivo.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na residência dos pais da noiva um fino lunche, seguindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de artisticas prendas.

— Realizou-se na Casa de Fornelos, em Santa Marta de Penaguião, perto de Vila Real, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Tetralda Ribeiro dos Santos, gentil filha da sr.^a D. Maria Ribeiro dos Santos e do sr. Jacinto Ribeiro dos Santos, com o distinto tenente sr. João Carvalhais dos Santos, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Maria dos Santos Borges, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Manuel Joaquim Ribeiro dos Santos.

Findo o acto foi servido no salão de mesa um finissimo lunche, partindo os noivos depois para o norte onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Henriqueta de Jesus Andrade e Silva com o sr. José Rodrigues Teixeira, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria do Carmo Andrade e Silva e D. Emilia Maria da Mata e Teixeira, e de padrinhos os srs. Francisco Caetano da Silva e Artur da Franca Leal de Castro.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— Na igreja de S. Mamede, sendo celebrante o reverendo prior, monsenhor Francisco Coelho, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Manuela de Carvalho Bastos, gentil filha da sr.^a D. Elvira Bastos e do sr. João Baptista de Carvalho Bastos, já falecido, com o sr. Alfredo Simões Dias, filho da sr.^a D. Laura Dias e do sr. Alfredo Simões Dias.

Foram madrinhas a sr.^a D. Julia Dias Henriques, tia da noiva, e a mãe do noivo; e padrinhos os srs. Luís Dias Henriques, tio do noivo, e Manuel Guimarães.

Findo o acto religioso foi servido um fino lunche em casa da mãe da noiva, partindo os noivos para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

— Para seu filho Francisco Henrique, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Maria Julia Duarte de Sousa, esposa do sr. Julio Cesar de Almeida e Sousa, a sr.^a D. Maria Alexandrina Nunes Diniz, gentil filha da sr.^a D. Luísa Nunes Diniz e do distinto capitão de fragata, presidente do Tribunal Marítimo, sr. José Francisco Diniz Junior.

A cerimonia deverá realizar-se no meado do corrente ano.

— No Porto ajustou-se oficialmente o casamento da sr.^a D. Maria Luíza Guerreiro Bianchi, gentil filha do distinto clinico nessa cidade sr. dr. Augusto César Bianchi, com o sr. Francisco Pinto Moledo, filho da sr.^a D. Ana Pinto Moledo e do sr. Frederico Moledo.

A cerimonia deverá realizar-se por todo o próximo mês de Abril.

— Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.^a D. Maria Valentina Gomes Fer-



A sr.^a D. Arlete Aldegundes de Sant'Ana e o sr. José Bralio, à saída da igreja de S. Jorge, em Arroios, por ocasião do seu casamento realizado no dia 26 de Março último

reira, interessante filha da sr.^a D. Ana Candida Gomes Ferreira e do capitão sr. António Ambrosio Ferreira com o sr. João Leote Monteiro Girão, filho da sr.^a D. Maria Cândida Leite Girão e do sr. Fernando Monteiro Girão, já falecido.

O acto realizar-se-há por todo o corrente ano.

— Para seu filho Eduardo foi pedida em casamento pela sr.^a D. Maria do Cen Tavares e Melo de Gouveia, esposa do general sr. Alvaro Pereira de Gouveia, a sr.^a D. Maria Emilia de Albuquerque de Matos Amaral, gentil filha da sr.^a D. Elisa de Albuquerque de Matos Amaral, e do sr. dr. Delfim de Matos Amaral.

A cerimonia deverá realizar-se no fim do próximo mês de Abril.

— Para seu filho António foi pedida em casamento pela sr.^a D. Felismina da Glória Simões de Figueiredo, esposa do sr. Adelino Rodrigues de Figueiredo, a sr.^a D. Virginia Leitão da Silva, interessante filha da sr.^a D. Maria da Conceição Leitão da Silva e do sr. Joaquim da Silva.

A cerimonia deverá realizar-se nos fins do próximo mês.

NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso no Porto, a sr.^a D. Laudelina Pinto Teixeira, esposa do sr. Alfredo Diniz Teixeira e irmã do distinto violinista sr. Vieira Pinto.

Mãe e filho estão felizmente bem.

— A sr.^a D. Maria Amalia Gomes Rosa Valentim, esposa do sr. Raul Valentim Lourenço, distinto professor da Escola Commercial Veiga Beirão e chefe da contabilidade do Banco Pinto & Soto Maior, teve o seu bom sucesso.

Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— Em Braga teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Zulmira Vieira da Silva Cerqueira, esposa do sr. Jaime Vieira da Silva.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

NOVOS TITULARES

O senhor Dom Manuel de Bragança auctorizou os srs. Pedro Paulo José de Melo, e seu sobrinho o sr. Pedro Paulo Gil de Melo, a usarem, respectivamente, os títulos de Conde de Santar e Visconde de Taveiro, que pertenceram a seu pai e avô; e ao sr. Nuno Tristão Infante de La Cerda, filho do falecido Barão de Sabroso, a usar o titulo de seu pai.

ESPARTILHOS E CINTAS



"POMPADOUR"

OS MELHORES
OS MAIS RESISTENTES
E OS MAIS ELEGANTES

"A POMPADOUR"

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — Chiado — 30

DESDE A CASA MAIS MODESTA Á CASA MAIS LUXUOSA HA SEMPRE LUGAR ONDE FICARÁ BEM QUALQUER MOBILIA LEMTEJANA

— GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS — Rua de S. Bento, 120

Telefone T. 801

OS AMORES DE PANTALEÃO

Tu não és capaz, querida Eugénia, de calcular o que de extraordinário me aconteceu há dias em casa das Almeidas. Lembra-te das Almeidas, não é verdade? Aquelas raparigas altas, muito altas, que foram nossas condiscípulas no Colégio... Não te recordas? Aquelas que, por serem de tão avantajada estatura, nos afirmávamos possuírem alma... até Almeida.

Agora dou-me muito com elas. Encontramo-nos, no verão passado, na Figueira da Foz, e estreitamos relações. Desde que abandonei o colégio nunca mais as tinha visto. O ano passado na praia, reconhecia-as ao longe, pela alta envergadura. Foi uma alegria, o nosso encontro. Elas acharam-me mais baixa e eu notei, com mal disfarçado assombro, que elas estavam muito mais altas, enormes, como um imenso par de jarras.

São bonitas, bem feitas, corpos harmoniosos, esbeltos, mas como que vistos por uma poderosa lente de aumentar. Foram passar um mês à Figueira, por deliberação dos pais, que têm encontrado grande dificuldade em as casar. Parece que o principal obstáculo que se ergue ante as possibilidades de um matrimónio é a sua desmedida estatura. Os rapazes olham-nas com terror, como se temessem que elas, desabando como torres, os sepultassem nos escombros...

Dificilmente encontrarão noivo. Os rapazes da sua altura não abundam e os que aparecem, não sei porque estranho capricho, apaixonam-se por rapariguinhas de estatura meã ou pequeninas e roliças como bonecas. E as Almeidas, enormes, paquidermicas, andar pezado e lento, vão passando tristes e solitárias através dos anos e por entre a multidão aterrorizada.

Eu tenho pena delas porque são boas raparigas, meigas, simpáticas, muito simples e desfectadas. Mereciam melhor sorte. Lamento às vezes, querida Eugénia, não ser homem, porque se o fosse casaria com uma delas e sendo homem, se eu tivesse a faculdade maravilhosa de me desdobrar em dois, casaria com as duas, só para que elas não fossem postas à margem, desdenhosamente, pelo mundo cruel.

Eu insinuei a seus pais uma viagem aos países do norte da Europa, onde os homens são mais altos e onde não seria, portanto, difícil cada uma delas encontrar um noivo que se lhes ajustasse. Acharam ótima a minha ideia.



e projectam para breve uma vilegiatura pela Suécia e pela Noruega, certos de que voltarão de lá com um par de genros.

A desproporção das Almeidas é tão grande que no Casino raro era um rapaz atrever-se a ir dançar com elas. E se algum inexperiente caía nessa asneira, não tornava a procurá-las, receoso do ridículo que resultava de um par em que o cavalheiro, pequeno, minguido, como um menino de colo, era arrastado através da sala por uma dama de grandes passadas, de saltos de gigante, que suas pernas miúdas não podiam acompanhar.

Mas não era das Almeidas que eu desejava falar-te. As Almeidas, apesar de muito grandes, são apenas um incidente nesta carta. Eu queria apresentar-te o sr. Pantaleão. E falei nas Almeidas porque foi em casa delas que eu o conheci. O sr. Pantaleão declarou-se-me. É verdade, confessou-se extremamente apaixonado por mim. E eu fiquei assombrada, por-

VOGA,
SEMANARIO ILUSTRADO DA
MULHER é a melhor e mais barata
das publicações do género em lin-
gua portuguesa.

CRÓNICA DA SEMANA LOIRAS E MORENAS

LEMBRAM-SE as leitoras daquele monólogo *Mania metrica*, em tempos muito recitado em clubs e salões? Descansem que o não vou reproduzir agora aqui... Mas, irresistivelmente, me acudiu à memória quando li ter-se inventado a maneira de calcular a

mente: a loirinha enche de neve o coração juvenil mas a morena está que nem o Vesúvio em dias de erupção... Depois, em G vê-se Ana beijar o namorado: a loira quase nem dá por isso; porém, o coraçãozinho da morena dá dois pr'os tamanhos que os comentários seriam su-



As duas belezas — a morena e a loira — prestando a prova de actividade emocional

(Cliché transmitido pela telefotografia)

emoção experimentada por loiras e morenas perante o amor... Os americanos — estas coisas veem sempre da América! — lembraram-se de investigar qual das duas, — a morena ou a loira, — era mais sensível a aquele sentimento que, desde os tempos do Paraíso terreal, faz andar à roda as cabeças de avelã que se convencioneu chamar os Reis da criação. Pegaram em duas lindas raparigas, miss Jean Ackerman, moreninha como a personagem da poesia de Junqueiro e miss Claudia Deld, loira como a formosa Melissinda, Princesa de Tripoli e, depois de lhe terem cingido o busto maravilhoso com um cabo, por sua vez em ligação com um aparelho registador, fizeram passar por diante dos olhos de ambas as cenas amorosas dos filmes: *Tudo pelo amor* e *O Diabo e a carne*, um e outro interpretados por Greta Garbo e John Gilbert. Como as leitoras poderão ver com os seus próprios olhos, a morena levou de vencida a sua competidora: é olhar para o gráfico e está tudo dito!... «Hurrah pelas morenas!» gritarão aquelas que o fôrem... E, na verdade, têm razão: depois da poesia de Junqueiro, nenhuma defesa da cor morena apareceu mais convincente e irrefutável. Ora botem as leitoras os seus lindos olhos para o gráfico marcado de A a I... Eu lhes explico:

A mostra-nos a respiração normal no início da operação: em ambas as raparigas é quase igual. Mas, nisto, em B, começa a correr a fita e surge uma entrevista amorosa num jardim. A loira pouco se altera mas, a morena, essa dá um pulo de corça... Depois, na letra C, os enamorados do jardim começam aos beijos... E aqui é que são elas! A morena está sobre brasas: o sulco deixado ficar pela sua respiração ofegante no cilindro registador atinge quasi as culminâncias do Himalaia! A loira, essa continua de pau, ou quasi. Em D vemos uma cena passada no quarto de Ana, personagem do filme: a loira principia a mostrar interesse e quasi iguala o sentir da morena. Em E o herói da fita vai-se embora subitamente: a morena sofre uma grande depressão, enquanto a outra se continua a interessar. Nisto, em F os dois namorados encontram-se nova-

que nunca me acontecera uma destas. O sr. Pantaleão te minto e cinco anos, é viúvo, baixo, gordo, usa uns bigodes fartos e grisalhos e tem uma fortuna considerável, grangeada no negócio de viveres a retalho.

Foi num chá em casa das Almeidas que ele se atreveu a dizer-me frases de amor. E eu, querida Eugénia, escutei-o com curiosidade, com prazer, porque Pantaleão foi delicioso.

Imagina que faz declarações de amor à moda de 1870. Creio que traz de cor a prosa alambicada do *Manual do Perfeito Namorado* e, para se fazer compreender pela rapariga que lhe agrada, recita passagens inteiras.

— Desde a primeira vez que a vi — disse-me ele — o meu coração começou a palpar descompassadamente.

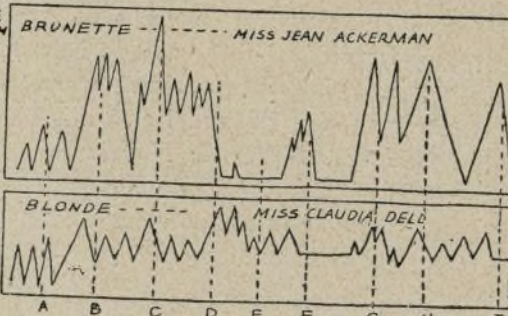
— Ó sr. Pantaleão, onde foi o senhor aprender a ser tão gentil? — perguntei-lhe eu, sorrindo.

E ele, de olhar estático, lendo na memória a prosa do *Manual*, respondeu-me:

— Notei que havia nos seus olhos azuis um não sei quê de cativante...

pérfluos... Segue-se a letra H, correspondente ao instante em que os dois namorados juntam os rostos em languidas carícias... Deus do céu! que gelo o do coração das loiras! que sarça ardente e amorosa o coração das morenas!...

Vem finalmente a letra I, a última do gráfico e indicando o desfecho de toda aquela trama no amor: a loira continua de pau, e a morena ganha definitivamente o campeonato



da actividade emocional... Depois disto já não há razão, morenas leitoras, já não há razão para os versos do Junqueiro:

Não negues; confessa
Que tens certa pena,
Que as mais raparigas
Te chamem morena...

Pertence-lhes a corça, às moreninhas, pelo que respeita às questões de vibratidade amorosa. Fica demonstrada a quasi secura, a quasi impassibilidade de coração nas Melissindas loiras e gentis... E eu não sei, em boa verdade, como as indemnizar do descrédito a que os americanos levaram os seus corações... Lembrome contudo do provérbio que manda curar a dentada do cão com o pêlo do mesmo cão... — Leitoras de cabelos de ouro: casem com um americano!

ROSA TIRANA.

— Senhor Pantaleão! Senhor Pantaleão! — interrompi eu, alarmada. — Você delira. Os meus olhos não são azuis...

E ele teimoso, a papeira a tremer-lhe numa grande emoção:

— A sua imagem, como um anjo protector, acompanhou-me em pensamento durante dias, semanas, meses...

— Senhor Pantaleão, Repare que se engana. Nós conhecemo-nos há dez minutos...

E ele, sem me ouvir, para não esquecer o que trazia de memória:

— Oh, quando terei a suprema ventura de chamar-lhe minha esposa?

— Nunca, senhor Pantaleão, nunca lhe darei esse prazer.

Mas ele, num gesto romântico, disse-me ainda, quasi exausto:

— Seja a minha boa fada. Não queira que morra de paixão o seu Pantaleão...

Que me dizes, Eugénia, a esta estranha aventura?

Saudades da tua amiga

GRAZIELA.

OS CONCURSOS DA VOGA

AS NOSSAS LEITORAS E ASSINANTES

CONCURSO DA BELEZA INFANTIL

Tem obtido um êxito fóra de toda a expectativa o concurso que *Voga*, semanário ilustrado da mulher, abriu entre as suas leitoras e assinantes, afluindo constantemente à nossa redacção retratos e mais retratos de lindíssimos bebés. Como desejamos que todas as nossas queridas leitoras e assinantes possam concorrer, aqui apresentamos de novo as condições do concurso em questão.

Atendendo, porém, a que motivos imperiosos e que noutra página deixamos expostos, nos forçamos a adiar a abertura do *Salão da Elegância Feminina e Artes Decorativas*, e não urgindo, portanto, apertar o prazo concedido para a remessa das fotos dos bebés das nossas queridas leitoras, resolvemos por isso ampliar o dito prazo conforme abaixo vai indicado.

1.ª Para admissão ao Concurso da Beleza Infantil o bebé deverá SER FILHO DE UMA ASSINANTE. Serão igualmente admitidos a concorrer todos os bebés cujas mães ou pais se inscrevam como nossos assinantes.

2.ª Não terá idade superior a oito anos.

As fotografias — que deverão ser muito nítidas — têm de estar nesta redacção até ao dia 31 do próximo mês de Maio, findo o qual mais nenhuma será admitida. Um júri expressamente convidado pela *Voga* escolherá, dentre todas as fotografias enviadas, dez que apresentem autênticos modelos de beleza infantil. Esses dez retratos serão depois publicados (sem nomes, para não haver influências de espécie alguma) no número do dia 10 de Junho, ocupando uma página inteira deste semanário para que as nossas leitoras e assinantes se pronunciem acerca de 4 dos retratados, votando naquelas que se lhes afigurem os mais belos. O resultado da votação será inserto no número da *Voga* que sai a 8 de Julho.

OS PRÊMIOS

Ao primeiro premiado serão entregues os seguintes prémios:

1.º — Todos os livros de literatura infantil editados até então pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.^{da}, bem como todos os que se publiquem do mesmo género e os quais serão enviados à mãe do 1.º premiado até que este prefaça doze anos.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Ao segundo premiado caberão os seguintes prémios:

1.º — Uma colecção completa da biblioteca infantil editada pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.^{da} e primorosamente encadernada.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Aos premiados em 3.º e 4.º lugar cabem os seguintes prémios:

1.º — Retrato do premiado, grande fotografia de arte.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

As fotos de arte dos 4 premiados serão expostas no

SALÃO DA ELEGÂNCIA FEMININA E ARTES DECORATIVAS

a abrir em 15 de Maio.

Que nenhuma das nossas leitoras deixe, pois, de nos enviar os retratos dos seus bebés! Qual delas não terá orgulho em vê-los, arquivada nas nossas colunas, a figurinha gentil dos seus pequenitos? Qual das nossas assinantes não alimentará a esperança de que os seus bebés sejam os primeiros classificados? Que todas, pois, concorram ao

CONCURSO DA BELEZA INFANTIL

ABERTO NA VOGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

MASSAGEM DE CEGO...

INAUGUROU-SE, ultimamente, em Budapeste uma clínica de massagens que apresenta esta singularidade: todos os alunos são cegos.

Graças à prodigiosa sensibilidade do seu tacto, os cegos conseguem ser exímios, como massagistas. No Japão, esta profissão está monopolizada pelos cegos, dando-se até a coincidência de existir naquele país uma palavra que significa igualmente massagista e cego.

Havia já, bastante celebrizada, a pancadaria — de cego. Agora, além da pancadaria, há a massagem...

V O G A

V O G A

Não procura ganhar dinheiro. Procura ser útil com o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

CARTA DE PARIS

Minha querida sqbrinha:

TEMOS agora um período de temperatura inclemente; são as chuvas de Março em todo o seu esplendor, bem aborrecido.

A «mi-carême», alegre com os seus cortejos, os seus bailes de máscaras e as suas loucuras, já passou.

Tem havido imensas reuniões nestes dias pesados. Tua amiga a Madame F. teve a gra-



ciosa idea de impôr a todos os seus convidados o traje de 1830.

A parte mais interessante do desfile, era um casamento, onde os jovens noivos, assim como o cortejo, tinham reproduzido fielmente a época.

Raparigas de trajes excêntricos e muito elegantes, as senhoras com saias de crinoline enormes, todas felizes por se moverem tão facilmente apesar do hábito das saias curtas.

Todas elas estavam pintadas e movimentadas como era preciso.



Eu assisti, na quarta-feira última à abertura duma grande casa de costura e tenho muita pena que tu não tenhas podido ir comigo. Uma numerosa e elegante assistência com-

Toda a senhora com requinte no gosto deve preferir sempre a

GALERIA DA MODA

(Antiga Casa Peral)

Rua da Prata, 80 a 86

Telefone: Central 7

Porque encontra ali o mais variado sortido de lanifícios, sêdas e algodões aos melhores preços.

Se V. Ex.^a fôr gentil obsequiar-nos-há com o favor duma visita. — Sempre as ultimas novidades de Londres, Paris e Lyon.

SALÃO DA ELEGÂNCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS

Hoje que vamos dar, sobre este certame, uma notícia, de certo modo grave, cumpre-nos, sem embages, expôr o que *Voga* conseguiu, até agora, organizar, em execução do seu projecto de efectuar em Lisboa o I Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas. É como que um grande e orgulhoso balanço o que vamos realizar. Assim *Voga*, o semanário ideal da mulher portuguesa, conta nesta data, com a cooperação absoluta dos ilustres escritores e escritoras Dr. Afonso Lopes Vieira, Dr. Agostinho de Campos, Dr. Alvaro Maia, Carlos Abreu, Cesar de Frias, Ferreira de Castro, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, José Bruges de Oliveira (director do Salão), D. Maria do Sottomayor e Abreu, Mário Domingues, etc.

Deram a segurança da sua colaboração os notabilíssimos artistas: D. Adelaide de Lima Cruz, D. Antonieta de Lima Cruz, António Soares, António da Costa, Carlos Botelho, D. Dora Soares, M.^{me} Eleonora Amzel, Mademoiselle Francine Benoit, Ilda Stichini, Luz Veloso, Joaquim Almada, Jorge Barradas, José Tagarro, D. Maria Adelaide de Lima Cruz, Paulino Montez, Raúl Lino, Roberto Nobre, Sára Afonso, Stuart Carvalhais, etc.

Uns e outros, em conferências, concertos, palestras de arte e exposições artísticas, emprestarão de certo à nossa iniciativa um ambiente de arte superior, inegalável, que difficilmente poderá ser, sequer, imitado por mesquinhas tentativas de cópia servil.

No que diz respeito à colaboração do comércio de modas de todo o mundo, diremos apenas que as grandes casas POIRET, DRECOLL, JEAN MAGNIN, TECLA, BRIALIX, BICHARE, REDFERN, MARTE REGNIER, ROGER ET GALLET, CYBER, MARTIAL & ARMAND e outras, de PARIS, trarão por certo ao Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas, os seus desfiles deliciosos, chapéus de maravilha, modas e futilidades duma insuperável elegancia.

Também de Viena de Austria virão expositores, entre eles o formidável-fotógrafo da beleza feminina Artur Benda, do STUDIO D'ORA, que será acompanhado, na exposição das suas fotos, por Henri Manuel e Studio G. L. Manuel Frères, de Paris, San Payo, Mário de Novais e outros de entre os nossos melhores fotógrafos. Quanto ao comércio de modas português, para não alongar interminavelmente esta lista, *Voga* afirma que lhe deram a sua adesão os melhores de entre os melhores no que se refere a modistas, sapateiros, criadores de modelos de chapéus, decoradores, fábricas de tapetes e bordados artísticos, etc., etc., etc.

Está, portanto, assegurado como o mais belo espectáculo dos últimos tempos o I Salão da Elegancia Feminina, para cujo êxito muitíssimo concorreu a colaboração maravilhosa da illustre Sociedade Nacional de Belas Artes dispensando o seu salão e patrocinando esta tentativa de beleza.

M A S . . .

A direcção de *Voga*, evidentemente acompanhada pela illustre direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes, não acha oportuna a data de antemão fixada para o seu maravilhoso certame. No momento, aliás dignificante pelo patriotismo evidenciado, em que a todos se pedem sacrificios de contribuição e de isenção, dificultando-se muito justamente a drenagem de ouro e os gastos supérfluos, parecerá descabido este certame que, se é de beleza, é também de luxo e de ostentação. A pesar dos prejuizos que isto lhe acarreta, *Voga* vai adiar o seu certame, para data que em breve se anunciará, data próxima, evidentemente, porque, cremos todos com firmeza, em breve se dissipará este momento de sacrificios patrióticos para os quais *Voga* e Sociedade Nacional de Belas Artes, concorrem por todas as formas e principalmente com a sua isenção, adiando o certame já assegurado em êxito e cuja realização será a sua maior glória.

Segunda-feira 8 e dias seguintes se prestam todos os esclarecimentos aos senhores expositores, na redacção de *Voga*, das 14 às 18, pondo às ordens daqueles que assim o desejarem as importâncias de sinal de que fizeram entrega.

VOGA, adiando o Salão da Elegancia Feminina, continua mantendo com os expositores, e integralmente, todos os seus compromissos.

Em breve fixaremos a data definitiva deste certame.

V O G A

É uma publicação honesta. Está nisto a garantia do Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

primia-se nos salões forrados de veludo cinzento-pérola. O tapete e as cadeiras, na mesma cor plácida, faziam sobressair todos os vestidos que desfilavam ininterruptamente.

Um bufete suntuoso reconfortava os convidados.

O perfume suave, última criação da costureira em questão, era graciosamente oferecido à clientela escolhida.

Admirei muito os vestidos e mais ainda os chapéus. Furiosamente se lançou a palha como a grande moda. Custe o que custar, é preciso destruir o feltro que começa a ser aborrecido pela sua moda persistente.

Eis aqui três chapéus: um é em palha brilhante. É a grande novidade da estação. É um cloche.



Uma fita ciré preta e outra fita azul são a sua única guarnição.

Um dos outros é em linda palha de Itália. A aba, ensombrando a cara, é cortada à frente. É debruado a preto e tem em volta da copa uma fita também preta.

O último, um fino bankok em cloche, é guarnecido por um entrançado de veludo, bege e castanho. Um nó aplicado sobre a copa termina a sua graciosa guarnição.

Bem vêes minha querida, quantas coisas eu te faço admirar de longe. Vem depressa, Paris espera-te. Abraço-te e até breve.

Tua tia muito amiga

NUELMA.

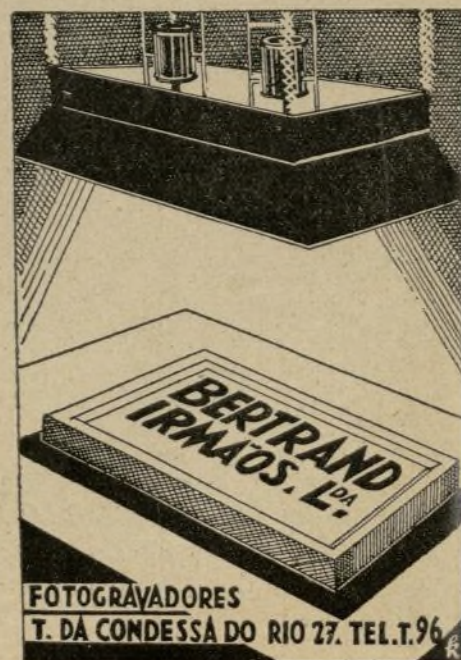
A "CAIXA DAS FLORES"

A CARA de se fundar na Suécia uma instituição denominada «Caixa das Flores», a qual, desmentindo assim a sua designação, não possui uma flor, mesmo humilde, mesmo silvestre.

Mademoiselle Hedin, irmã do grande explorador do Thibet, criou-a com o humanitário objectivo de socorrer os pobres, distribuindo por eles as somas consideráveis que até aqui se gastavam em flores e corôas fúnebres. Chama-se a isto roubar aos mortos para alimentar os vivos.

As flores ficam, pois, banidas dos enterros. Não mais serão convertidas em símbolos duma dor, por vezes tão sincera, tão profunda, tão dilacerante.

Esta iniciativa vai, por outro lado, aumentar o número dos pobres que serão todos os que até aqui viviam da venda de flores para funerais. Decerto que a «Caixa das Flores» não deixará de fazer cair sobre eles algumas pétalas de sua sueca filantropia...



AS MODAS EM VOGA

FOLHOS E PLISSADOS CONTINUAM DOMINANDO AS MODAS DE VERÃO

PEQUENINOS NADAS QUE SERÃO O ENCANTO DAS NOSSAS LEITORAS



COM a mudança de estação, vieram as últimas novidades, criadas para continuar uma elegância sempre variada e distinta.

A moda desta primavera não nos traz nova linha de vestido, nem talvez grande variante nos seus feitios.

Perduram os «godets» que dão às saias uma amplitude graciosa, os plissados com a sua fina e elegante linha que tão distintos tornam as «toilettes», e ainda as pregas largas que tanta gentileza dão aos vestidos de tecidos leves e de cores claras.

Mas não faltam os pormenores, pequenos pormenores da moda de hoje, que influem no conjunto dando-lhe um aspecto diferente cheio de inédito e elegância.

Quantas vezes não está a elegância numa «toilette» num simples pormenor?

Basta muito pouco para se dar distinção a um vestido. Um «drapé» gracioso, umas fivelas em pedras, um cinto original ou um corte estranho, qualquer destas tão simples variantes embelezam e enfeitam uma elegante e chic traje.

Nesta nossa página apresentamos às nossas leitoras alguns desses pormenores que a moda nos dá desta vez com o carinho sempre renovado de nos oferecer variedade e... de nos fazer gastar dinheiro.

Temos no n.º 1 um elegantíssimo casaco de desporto tendo a gola, os punhos e o cinto, em pele de gamo, em dois tons de bege.

Basta o emprego da pele de gamo nas suas tonalidades harmoniosas, para dar a este conjunto de desporto, duma linha tão simples, uma nota de originalidade e requinte.

Os n.ºs 2 e 3 representam duas maneiras bem exóticas de se armar a parte inferior das



«empiècement» e punhos cravejados de contas de aço, de várias dimensões, o que dá ao «empiècement» uma agradável e original aparência.

A blusa marcada com o n.º 5 é encantadora. A sua linha esguia e flexível dum corte de tão sugestiva beleza, é uma das criações de blusas mais interessantes e graciosas que se tem feito. Fivelas de pedras, em meia lua, e de diferentes tamanhos, prendem, franzindo

um pouco, as mangas, o «empiècement» e a parte inferior da blusa. É este modelo muito harmonioso e gentil, tendo decerto a preferência de muitas das nossas leitoras. Nos n.ºs 6, 7 e 8 apresentamos três lindos modelos de cintos, que muito bem suplantarão qualquer enfeite ou bordado, que se deseje evitar por. O n.º 6 é em verniz preto, tendo as passadeiras e a fivela em prata, cravejada de pedras. O n.º 7 é em pele de gamo cinzento

ECOS E COMENTARIOS

O ENTUSIASMO FEMININO PELAS CORRIDAS PEDESTRES

UM dos desportos favoritos das mulheres é a corrida pedestre. Desde as de velocidade, que têm a extensão de algumas dezenas de metros e a duração dum relâmpago, até às de resistência que requerem excepcionais condições físicas e um esforço arduo, as filhas de Eva têm feito prodígios. Prodígios femininos, bem entendido. Estão longe, muito longe mesmo de atingir quanto mais igualar ou ultrapassar os «records» masculinos.

Não significam estas palavras a intenção de estimular ou de combater uma tendência invencível que arrasta as mulheres para os desportos. As vantagens da cultura física estão sobejamente demonstradas, de modo que, se combatê-las seria tolice, defendê-las seria inútil.

Há, contudo, no desporto feminino exageros e exageros tais que devido a eles as doenças de coração, na Inglaterra estão dando origem a uma mortalidade assustadora. As mulheres, com o entusiasmo irrefletido de todos os neofitos, estão admirando os desportos, exactamente pelos exageros que os tornaram condenáveis.

Estamos, porém, convencidos de que elas, sabendo, na altura própria, substituir esse entusiasmo por uma reflexão ponderada que constitua, quanto a nós, sua proverbial virtude e seu melhor elogio.

Quanto às corridas pedestres, vem a capitular a frase célebre dum humorista:

— «As mulheres não foram feitas para correr; quando fogem é para ser apanhadas.»

Dai o considerarmos o entusiasmo das mulheres um contrasenso.

UMA ASSOCIAÇÃO CONTRA A «MAQUILLAGE»

UM Paris existem, neste momento, muitas pessoas que se associaram em consequência uma associação com o objectivo de combater, por todas as formas, a «maquillage» feminina.

As aderentes desta bizarra associação, prestaram o juramento de não usar creme ou pó de arroz nas faces, bistre nos olhos e rouge nos lábios.

A expulsão do seio daquele grémio com a explicação dos motivos que a determinaram, afixada na sala nobre do club, é o castigo supremo aplicado às que faltarem ao juramento.

Quási iríamos afirmar que as senhoras que fazem parte desta associação são novas e bonitas, e que não tem, portanto, necessidade de dissimular a palidez baça das faces, o esbranqueamento dos lábios e a falta de brilho dos olhos.

Contudo, permitimo-nos duvidar da longa duração do juramento. Mais tarde, quando os anos, rolando impassíveis lhes anunciem a decadência, é provável, — iam dizer, é certo — que aquela associação vê-se-há em sérios embaraços por não lhe chegarem as paredes da sala de honra para afixar o nome de todas as perjuradas.

Adquirem-se noções de todas as coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND

LEIAM

O mais discutido dos livros

JESUS CRISTO

EM LISBOA

OBRA PRIMA DE PENSAMENTO MODERNO

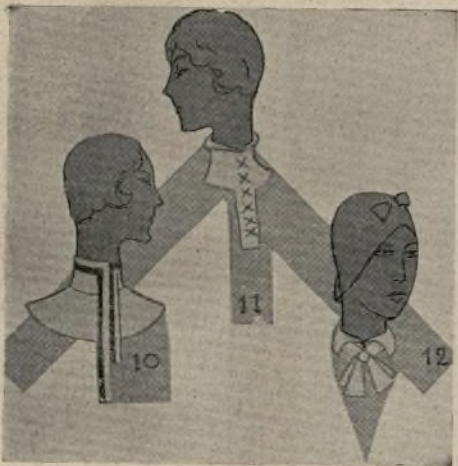
RAUL BRANDÃO

TEIXEIRA DE PASCOAIS

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

Chiado, 73 e 75 — LISBOA



mangas. Para um vestido de passeio resultará dum lindo efeito o punho da manga enfeitado com pele de arminho, conservando as caudas, o que lhe empresta muita graça.

A outra manga é menos exótica, mas é muito bonita. Em crepe setim, cortado em quatro tiras sobrepostas, estas mangas são duma requintada elegância que muito contribuirá para a harmoniosa linha do vestido.

No n.º 4 têm as nossas leitoras um lindo

A COSTUREIRA CHIQUE É SINONIMO DE ELEGANCIA E BOM GOSTO

CONFECÇÃO DE:

VESTIDOS, CAPAS, CASACOS

ATENDEM-SE PEDIDOS PARA A PROVINCIA

Telefone: Norte 5678

Avenida Cinco de Outubro, 146, r/c, D.

(Esquina da Avenida Barbosa Bocage)

LISBOA



tempo falámos às nossas leitoras), parece generalizar-se em absoluto, tornando-se o grande chic e grande moda.

Todos estes pequeninos pormenores que parecerão à primeira vista de pouca importância, resolvem muitas vezes dificuldades grandes para se armar um vestido. Quantas vezes hesitamos sem saber qual a manga a fazer, ou a gola a colocar, depois de se ter o vestido pensado? Assim, queridas leitoras, recorram à Voga, amiga sincera nesses momentos difíceis de se escolher modelos e novidades.

MADemoiselle X.



Vestido de passeio em selim preto e crepe da China. Salmao. Creação Maryvon. Foto Henri Manuel.

Vestido de noite em tafelã rubi e rendas pretas, bordado a perolas brancas. Creação Brialix. Foto Henri Manuel.



Vestido de jantar em crepe georgette verde e rendas douradas. Foto Henri Manuel.



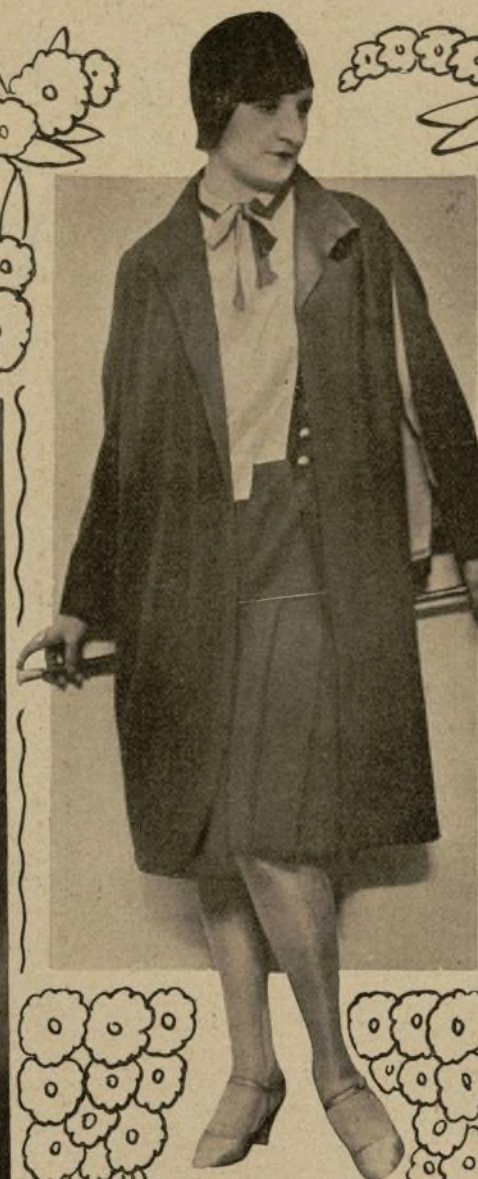
Vestido e casaco em dois tons de vermelho e riscas brancas. Creação Dubin. Foto Henri Manuel.



Vestido em crepe da China plissado, enfeitado a "bois de rose". Creação Marcel Rochas. Foto Manuel Freres.



Vestido de noite com profusamente bordado a perolas de ouro e prata. Foto Henri Manuel.



"Conjunto" em crepe da China vermelho e branco. Creação Riva. Foto Henri Manuel.



Vestido em crepe da China verde e casaco em pano de selim no mesmo tom. Creação Lucien Lelong.



Cloche em selim e pa-lha azul marinho, enfeitado com galos indianos. Creação Rosine Aoust. Foto Henri Manuel.



Conjunto em crepe georgette branco e raposa. Saia plissada e a blusa e casaco enfeitados com nervuras. Creação Lucien Lelong.



Chapéu em palha e plumas "cristal". Creação Marthe Riviere. Foto Henri Manuel.



Vestido de casaco azul e blusa rosa. Creação Riva. Foto Henri Manuel.



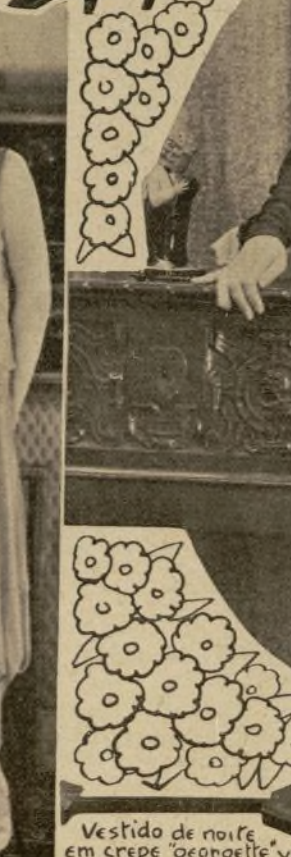
Lapa em cinzento claro e escuro, saia no tom mais escuro e blusa em crepe da China cinzento claro, enfeitado com pequeninos viezes. Creação Amy Linker.



Vestido de noite em crepe da China preto, bordado a strass. Creação Grand Jean. Foto Henri Manuel.



Vestido em crepe da China e musselina rosa. Creação de Suzanne Dubin. Foto Henri Manuel.



Vestido de noite em crepe georgette verde, bordado a strass. Foto Henri Manuel.



Vestido em crepe "marocain" rosa e casaco em "cashem" natural. Creação Maryvon. Foto Henri Manuel.



Vestido de capa em crepe da China estampado em azul e branco. Creação Blanche Lebouvier. Foto Henri Manuel.

Vestido em crepe georgette preto enfeitado com rendas valencianas brancas. Creação Colyl. Foto Henri Manuel.

HISTÓRIAS PARA GENTE MIÚDA

O ANÃO E A FILHA DO MOLEIRO

NUM certo reino vivia em tempos um pobre moleiro o qual tinha uma filha lindíssima. Esta era, além de formosa, uma menina muito inteligente e educada. E o moleiro era tão vaidoso da filha que, um dia, disse ao Rei daqueles sítios ser ela capaz de fiar fios de ouro com umas simples palhas. O rei, que era por dinheiro como o diabo por almas, ao ouvir a gabalorice do moleiro ficou logo doido de cubica e mandou que lhe levassem lá a menina ao palácio.



Quando esta lá chegou o rei levou-a a um quarto aonde estava uma grande quantidade de palha, deu-lhe uma roca e disse:

— Tudo isto tem de estar fiado, em fios de ouro, antes de romper a manhã. Se o não fizeres tiro-te a vida!

Em vão a pobre menina declarou não poder fazer semelhante coisa: o rei saiu, fechou a porta à chave e a donzela ficou sósinha. Sentou-se a um canto do quarto e começou a lamentar a sua triste sorte quando, de repente,

se abriu a porta e um anãosinho de cara muito gaiata entrou e disse:

— Ora então muito bons dias, minha menina! Porque é que está a menina a chorar?

— Ai de mim! — respondeu a pobresita — tenho de tornar em fios de ouro esta palha toda e não sei como o hei de fazer!

— E o que me dá se eu fiar a palha? — perguntou o anãosinho.

— Dou-lhe o meu colar, — replicou a donzela.

Então o anãosinho sentou-a junto da roca e poz-se ele própria a dar à roda. Maravilha! tudo se fez como queria o Rei e a palha foi tornada em ouro.

Quando o Rei voltou e viu aquilo ficou muito admirado e contente mas a cubica ainda se lhe tornou maior e encarregou a pobre filha do moleiro de realizar outra tarefa igual. Então é que a menina ficou sem saber realmente que havia de fazer à sua triste vida e



começou a chorar amargamente. Mas a porta abriu-se de novo e tornou a aparecer o homensinho.

— O que é que me dá se eu fizer o trabalho de que a encarregou S. Magestade?

— Dou-lhe este anel que trago no dedo! — respondeu a aflita menina.

Então o anãosinho pegando no anel, guardou-o logo e poz-se a trabalhar, a trabalhar, até que de manhã tudo estava pronto.

Quando o Rei, logo de manhãzinha, foi ao quarto aonde estava a filha do moleiro, ficou contentíssimo ao ver todo aquele brilhante tesouro. Mas, ainda não ficou de todo satisfeita a sua cubica e, levando a pobre menina para um quarto muito maior e aonde havia uma grande quantidade de palha, disse:

— Isto tudo tem de estar fiado até à noite. Se assim fizeres, caso contigo e serás rainha deste país.

Logo que o Rei se foi embora, entrou o anão e disse:

— Que é que a menina me dá se eu fizer aquilo de que a encarregou S. Magestade?

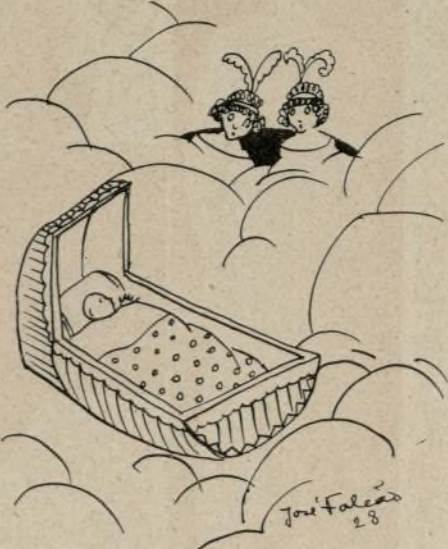
— Ai de mim! — suspirou com as lágrimas nos olhos a pobre donzela. — Já nada tenho que lhe dar!...

— Bem: então prometa que me dará o seu primeiro filho, quando a menina fôr Rainha!...

A donzela pensou lá para consigo:

— Ser rainha? disso estou eu livre!

E como não tinha maneira de realizar a tarefa, prometeu ao anão que lhe daria o pri-



meiro filho que tivesse depois de casar com o Rei. Vai então o homensinho sentou-se à roca, e, dando à roda sem parar, teceu em fios de ouro todo aquele enorme montão de palha. Quando o Rei voltou e viu o tesouro a brilhar, ficou doido de contentamento e cumpriu a sua promessa: d'alí a dias a filha do moleiro era sua mulher e Rainha daquelas terras.

Tempos depois a jovem Rainha teve um filho, o que lhe deu uma grande alegria. E já

estava esquecida do que prometera ao anão...

Mas, um dia, viu-o entrar pelo quarto dentro: vinha lembrar à pobre Rainha aquilo que ela lhe tinha prometido. Calculem os meus meninos como é que ela não ficaria aflita, ela que tanto e tanto gostava do seu querido filhinho!...

E começou a chorar, a chorar muito a sua desventura... Depois ofereceu ao anão todos os tesouros do reino para que ele desistisse de levar o menino... Mas foi em vão. Por fim, parece que um pouco comovido com as lágrimas da pobre rainha disse-lhe:

— Bem, está bem!... Dou-lhe três dias: se durante esses três dias a senhora fôr capaz de adivinhar o meu nome, não lhe levo o seu filho.

A rainha naquela noite não conseguiu dormir nem migalha, só a pensar qual seria o feio nome que teria o anão.

Nessa mesma noite enviou criados para toda a parte do reino encarregados de saber nomes esquisitos e ridículos.

No dia seguinte, apareceu o anão. E a rainha começou logo a dizer quantos nomes esquisitos lhe vinham à cabeça: Serapião, Agapito, Felisberto, Jeremias, Pafuncio, eu sei lá! Mas a cada um deles respondia sempre o anão:

— Nada: esse não é o meu nome!

No outro dia — era o segundo concedido pelo anão — voltou este de novo. E a pobre rainha, apertando muito contra o peito o seu querido filhinho com medo que o anão lh'o tirasse, começou a dizer quantos nomes ridículos lhe vinham à cabeça: Pernas de ganso, Pé de pato, Nefelibundo, etc., etc., etc.

Mas o homensinho, abanando a cabeçorra dizia sempre:

— Nada, nada! esse não é o meu nome!

Ao terceiro dia, voltou um dos criados que a rainha tinha mandado à procura de nomes novos e disse:

— Minha querida rainha, não encontrei outros nomes para trazer... Mas ontem, quando eu ia a subir um alto monte, entre as árvores da floresta, num sítio aonde a raposa e a

lebre costumam dar as boas noites a quem passa, vi uma cabana muito pequena: diante da cabana havia acesa uma fogueira e a dançar numa só perna e muito satisfeito da sua vida estava um anão a cantar isto:

*Ai que rica festa,
Ai que rica festa eu vou fazer!
Toca a amassar pão, a amassar e a cozer!
Amanhã é cantar e dançar
Porque trago um acepipe nada mau!
Bem pode a rainha procurar!
Quem diria que eu me chamo:
«Sapatos de pele de pau»?*

A rainha ao ouvir isto ficou doidinha de contentamento e, logo que voltou o anão e ele lhe disse:

— Então minha senhora, qual é o meu nome? Adivinhou? Olhe que hoje acaba o prazo que eu lhe dei! Se não adivinha o meu nome levo o seu menino!

E já lambia os beijos o grande patife!...

— É Joanico! — disse a Rainha.

— Não é não senhora! Adivinhe!

— É João!

— Não!

— Então é Serapião!

— Já lhe disse antes de ontem que não! Adivinhe!

— Então é Tito Agapito Luís de Brito!

— Nada, nada disso! O melhor é a Rainha deixar-se de mais coisas e entregar-me já o menino!...

E o grande patife a lambor os beijos!...

Vai daí, a Rainha, alegríssima e apertando contra o seio o seu lindo filhinho, exclamou:

— Então, se não é João, nem Serapião, nem Agapito, nem Tito Luís de Brito, nem Pernas

de ganso nem Joanico... só pode ser... Sapatos de pele de pau!

O anão ficou logo como os meus meninos podem imaginar!

— Foi alguma bruxa! foi alguma bruxa que lho disse!

E ficou tão cheio de raiva que batendo com o pé no chão furou o soalho e ficou lá preso, tendo de se valer de ambas as mãos e de todas as suas forças para tirar o pé do buraco.

Mal se pilhou livre, saiu pela porta fóra cheio de desespero enquanto toda a gente ria, ria,

ria a bandeiras despregadas, por o anão ter feito uma figura tão ridícula.

E nunca mais ninguém ouviu o anão cantar aquilo que os meninos sabem:

*Ai que rica festa,
Ai que rica festa eu vou fazer!
Toca a amassar pão, a amassar e a cozer!
Amanhã é cantar e dançar
Porque trago um acepipe nada mau!
Bem pode a rainha procurar!
Quem diria que eu me chamo:
«Sapatos de pele de pau»?*

SEMANA SANTA EM SEVILHA

POR motivo das festas, feira e touradas em Sevilha, a Companhia Portuguesa resolveu tornar diários os combóios rápidos do Algarve, no período de 26 de Março a 25 de Abril.

Haverá bilhetes especiais com a seguinte validade:

Ida de 26 de Março a 20 de Abril.

Regresso, chegada a Lisboa até 25 de Abril — aos seguintes preços de ida e volta:

1.ª classe, 125\$75 — e pesetas 30,00.

2.ª classe, 93\$30 — e pesetas 30,00.

O preço total dos bilhetes é cobrado em moeda portuguesa, fazendo-se a conversão do partícipe espanhol a escudos ao câmbio anunciado nos avisos afixados nas estações.

Esta Companhia tem serviço combinado em óptimos barcos a gasolina para a travessia do Guadiana entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, e com «auto-cars» entre Ayamonte e Sevilha.

Dêste modo, os passageiros que tomem em Lisboa, Terreiro do Paço, o vapor que parte desta estação às 8 horas, que liga no Barreiro com o rápido n.º 851, chegam a Sevilha pelas 21 horas.

O regresso de Sevilha para Lisboa é feito em idênticas condições, em 14 horas, partindo os «auto-cars» de Sevilha pelas 9 horas para chegarem a Ayamonte pelas 15 horas.

O comboio rápido n.º 852 que liga em Vila Real com os gasolinas que chegam a esta estação pelas 15,30 horas, parte de Vila Real de Santo António às 16 horas, chegando ao Barreiro às 22,29, ligando com a carreira n.º 22 que chega a Lisboa, Terreiro do Paço, às 23,20 horas.

Tanto no comboio de ida como no comboio de volta há «wagon-restaurant», e é permitida a marcação de logares nas estações de Lisboa, Terreiro do Paço, e Vila Real de Santo António, para qualquer destino, nos termos da respectiva tarifa.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ATENÇÃO

ESTÁ INICIADO o curso de Desenho por correspondência mas

pode ainda inscrever-se pois começará pelas primeiras

noções.

CURSO DE DESENHO POR CORRESPONDÊNCIA

pedidos a AILLAUD, L.ª

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

de ganso nem Joanico... só pode ser... Sapatos de pele de pau!

O anão ficou logo como os meus meninos podem imaginar!

— Foi alguma bruxa! foi alguma bruxa que lho disse!

E ficou tão cheio de raiva que batendo com o pé no chão furou o soalho e ficou lá preso, tendo de se valer de ambas as mãos e de todas as suas forças para tirar o pé do buraco.

Mal se pilhou livre, saiu pela porta fóra cheio de desespero enquanto toda a gente ria, ria,

ria a bandeiras despregadas, por o anão ter feito uma figura tão ridícula.

E nunca mais ninguém ouviu o anão cantar aquilo que os meninos sabem:

*Ai que rica festa,
Ai que rica festa eu vou fazer!
Toca a amassar pão, a amassar e a cozer!
Amanhã é cantar e dançar
Porque trago um acepipe nada mau!
Bem pode a rainha procurar!
Quem diria que eu me chamo:
«Sapatos de pele de pau»?*

SEMANA SANTA EM SEVILHA

POR motivo das festas, feira e touradas em Sevilha, a Companhia Portuguesa resolveu tornar diários os combóios rápidos do Algarve, no período de 26 de Março a 25 de Abril.

Haverá bilhetes especiais com a seguinte validade:

Ida de 26 de Março a 20 de Abril.

Regresso, chegada a Lisboa até 25 de Abril — aos seguintes preços de ida e volta:

1.ª classe, 125\$75 — e pesetas 30,00.

2.ª classe, 93\$30 — e pesetas 30,00.

O preço total dos bilhetes é cobrado em moeda portuguesa, fazendo-se a conversão do partícipe espanhol a escudos ao câmbio anunciado nos avisos afixados nas estações.

Esta Companhia tem serviço combinado em óptimos barcos a gasolina para a travessia do Guadiana entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, e com «auto-cars» entre Ayamonte e Sevilha.

Dêste modo, os passageiros que tomem em Lisboa, Terreiro do Paço, o vapor que parte desta estação às 8 horas, que liga no Barreiro com o rápido n.º 851, chegam a Sevilha pelas 21 horas.

O regresso de Sevilha para Lisboa é feito em idênticas condições, em 14 horas, partindo os «auto-cars» de Sevilha pelas 9 horas para chegarem a Ayamonte pelas 15 horas.

O comboio rápido n.º 852 que liga em Vila Real com os gasolinas que chegam a esta estação pelas 15,30 horas, parte de Vila Real de Santo António às 16 horas, chegando ao Barreiro às 22,29, ligando com a carreira n.º 22 que chega a Lisboa, Terreiro do Paço, às 23,20 horas.

Tanto no comboio de ida como no comboio de volta há «wagon-restaurant», e é permitida a marcação de logares nas estações de Lisboa, Terreiro do Paço, e Vila Real de Santo António, para qualquer destino, nos termos da respectiva tarifa.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ATENÇÃO

ESTÁ INICIADO o curso de Desenho por correspondência mas

pode ainda inscrever-se pois começará pelas primeiras

noções.

CURSO DE DESENHO POR CORRESPONDÊNCIA

pedidos a AILLAUD, L.ª

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

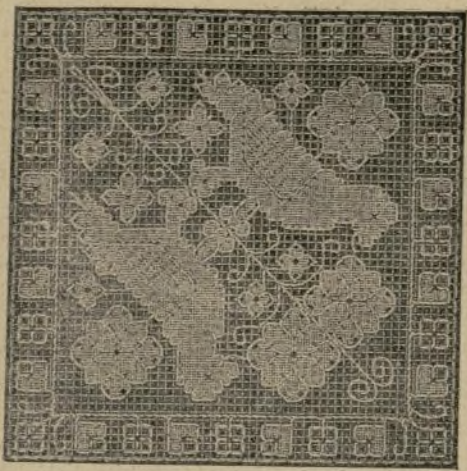
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

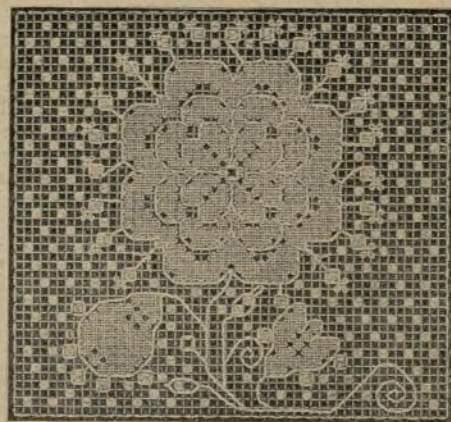
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



BORDADOS E RENDAS

FILET RICHELIEU



forrado de sed — de cor branca — quando se utilizar em colcha, «napperons», etc.

Damos aqui vários modelos para bordar o «filet».

A aplicação quadrada que se vê nesta página, tendo como motivo principal dois passarinhos empoleirados sobre um ramo, é uma encantadora aplicação que realçará com graça,

Para o «store» e «napperons» aproveita-se o mesmo motivo.

O conjunto do quarto, assim enfeitado, fica realmente encantador, o que decerto tentará muita joven mãe que deseje alindar o pequeno «appartement» do seu bébé.

Temos também uma segunda aplicação tendo ao centro apenas uma flor enorme, rodeada

quer trabalho, pois o seu motivo adapta-se a todo o compartimento.

Temos ainda uma renda tão mimosa e linda que a sua colaboração nos trabalhos femininos será preciosa, pela graça e leveza que lhe leva.

O seu recorte, formado por pequeninas flores, é duma beleza e finura que muito bem assentará em trabalhos feitos com tecidos finos.

Convém notar que, só depois do «filet» bordado, é que se contorna com o ponto que a gravura indica, sendo o ponto «pé de flor» para as hastes, e para os contornos, simples alinhavos.

Todos estes nossos modelos, duma suavidade de conjunto e beleza que muito agrada, são dos mais lindos modelos que neste género de de «filet Richelieu» se conhecem.

BERENICE.

DE novo voltamos a falar no «filet Richelieu», trabalho dos mais artísticos e graciosos que existem, entre a série infinita dos trabalhos femininos.

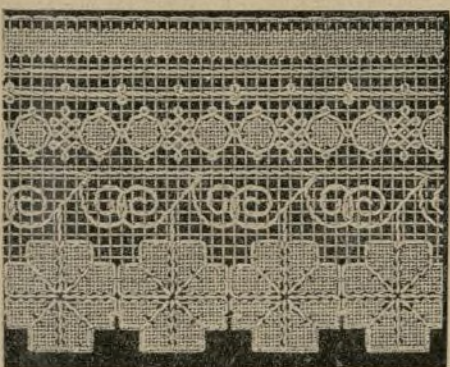
O «filet» foi sempre um dos trabalhos a que, sinceramente entusiasmadas, todas as senhoras se dedicaram quer confeccionando a própria rede, quer apenas bordando-a.

A rede que se fabrica hoje em tanta quantidade e em tão variadas dimensões, veio ajudar imenso a divulgação do «filet» bordado, pelas enormes facilidades que trouxe.

Borda-se «filet» à mão e à máquina. Em qualquer das duas maneiras, são muito interessantes os resultados, porque se à mão o bordado fica muito subtil e delicado, à máquina fica muito resistente e prático. Embora seja lavado, não perde a sua primitiva beleza, de trabalho muito agradável e resistente.

Em geral todas as senhoras se dedicam especialmente ao «filet» bordado à mão, porque é realmente duma graciosidade mais completa e porque pela lado artístico tem muito mais valor.

Vamos tratar hoje do «filet Richelieu», que



é uma das encantadoras variantes que se efectuaram no «filet» bordado, tornando-o mais harmonioso e dum recorte muito suave.

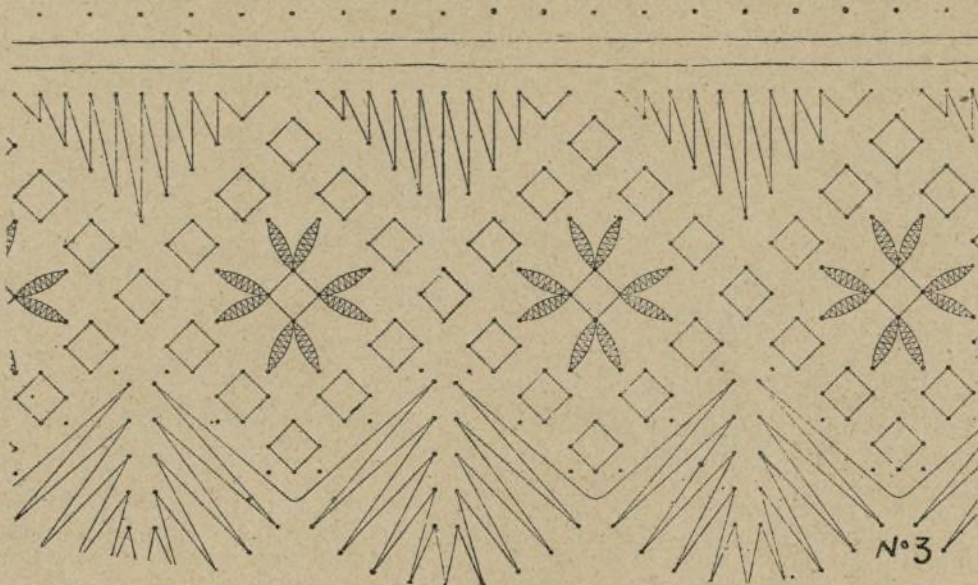
O desenho é tecido da maneira habitual de bordar o «filet», quer manualmente, quer à máquina, e o ponto (que deve ser sempre feito à mão) que envolve o desenho, dando-lhe uns contornos muito doces e arredondados, é feito em ponto «pé de flor» e alinhavo. Estes bordados são aplicáveis em qualquer trabalho, tanto como acessório e ornamento, como exclusivamente feito em «filet».

Em colchas, «stores», «napperons», etc. aplica-se em geral o «filet» bordado mas unicamente o «filet», que se deixará transparente e flexível quando se empregar em «stores» ou

VOGA, SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER, é a

única revista portuguesa do género que recebe directamente de Paris e das grandes capitais da Europa larga reportagem fotográfica de modelos para vestuário feminino, para o que tem contractos especiais com os maiores costureiros e fotografos, tanto da Cidade Luz como das outras capitais europeias.

Leiam e assinem a Voga.



(Modelo a que se refere a nossa crónica do número passado)

a arrumação simples e clara de um quarto de criança.

Com este motivo, que não deixará de encantar qualquer bébé, consegue-se dar ao pequenino quarto um subtil e alegre aspecto. A colcha pode ser composta com esta aplicação, em muito maior e várias no tamanho certo que indica o original.

Para se fazer a ampliação deste motivo basta tracejá-lo de maneira, que, cada quadrado fique com quatro. Executando-se assim fica o desenho com o dobro do tamanho. Sendo difícil tracejar-se o desenho, reduzido como é aqui está, passa-se este para papel quadriculado, que (como os quadrados são muito maiores que os que a gravura mostra) com imensa facilidade se traçam dentro de cada dois riscos cruzando-se e formando assim quatro quadrados.

Desta maneira tendo a aplicação apenas 57 quadrados passa a ter 114.

completamente por quadrados tecidos, o que dá à aplicação um «flux» doce como se fosse uma auréola de luz pálida e baça.

Esta aplicação pode ser empregada em qual-

RECEITAS DE COZINHA

POLAR DE CARNES À MODA DE BRAGANÇA

Toma-se um quilo de massa de farinha de trigo, lêveda, deitam-se 12 ovos, uma pitada de sal fino, 150 gramas de banha de porco derretida e 100 gramas de manteiga, igualmente derretida e quente.

Liga-se tudo muito bem, de modo que fique numa massa fluida perfeitamente uniforme. Depois vai-se acrescentando farinha pouco a pouco e amassando durante cerca de 20 minutos, até que a massa fique enxuta.

Cozem-se imperfeitamente 250 gramas de bom prezunto, igual porção de toucinho e de paio, frita-se em fatias o mesmo peso de lombo de porco e guisam-se dois frangos.

Estas carnes limpas de ossos, cortam-se em fatias delgadas, para se poderem distribuir com igualdade.

Quando as carnes estão preparadas, divide-se

a massa em duas partes iguais; metade estende-se à mão, em rectângulo, coloca-se dentro de um taboleiro de ir ao forno, convenientemente untado com manteiga e dá-se lhe a forma dêsse taboleiro. Sobre a massa dispõem-se as carnes misturadas com a máxima igualdade possível; por cima das carnes, deitam-se umas colheres de gordura, do caldo em que elas foram cozidas e do molho do guisado, e cobre-se tudo com a outra metade da massa estendida que deve cobrir as carnes. Sobre esta camada de massa dobram-se os bordos da de baixo formando uma espécie de caixa. Sobre a parte que serve de tampa traçam-se sulcos em diagonal, formando losangos; doura-se a superfície superior com gema de ovo batida aplicada com um pincel de pena e leva-se ao forno depois de se ter deixado descansar a massa no taboleiro, algumas horas.

FRANGO À VENEZIANA

Depois de depenado, chamuscado e limpo de vísceras o frango, abre-se ao meio pelo dorso no sentido do comprimento, ficando em duas partes iguais.

Põe-se em seguida a marinhar em vinho branco, salsa picada, pimenta em pó e sal fino.

Passadas algumas horas de marinagem, põe-se a coser, numa caçarola, na marinada a que se acrescenta manteiga e caldo, que se junta a pouco e pouco.

Engrossa-se o molho com um pouco de farinha e, depois, dispõem-se as metades do frango numa travessa de ir ao forno, regam-se com todo o molho, polvilham-se com queijo parmeizão e pão ralado, cobrem-se com bocadinhos de manteiga e leva-se ao forno até alourar o pão.

“VOGA”

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados.....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	136\$00
Exemplares registados.....	45\$40	88\$80	177\$60
India, Macau e Timor.....	36\$00	70\$00	140\$00
Exemplares registados.....	46\$40	90\$80	181\$60
Brasil	36\$00	70\$00	140\$00
Exemplares registados.....	46\$40	90\$80	181\$60
Estrangeiro	40\$00	78\$00	156\$00
Exemplares registados.....	50\$40	98\$80	199\$60

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.

QUANTAS VEZES... QUANTAS?!

São essencias de Nally, suavísimas e penetrantes — que contêm delicadíssimos componentes que chegam a custar ao fabricante a fabulosa quantia de 240 contos POR KILO! — que nos fazem estacar, insensivelmente — quantas vezes! — em pleno passeio, olhando a mulher elegante que passa e deixa após si um adorável ambiente de volupia, um rasto de perfume perturbante e espi-ritual que nos enebria os sentidos!

MAS não sei que calma e suavidade se sente ao pé deste muro, que não me resolve a saltá-lo... Eis o que me parece ser: não a conheço suficientemente a princesa velada. Só a vi uma vez, um segundo, no seu shahnichir. E outras feições, outros olhos estão na minha mente, e obstem a que eu pense nela, e me proibem de imaginar o que será um beijo seu... No fundo do meu pensamento vejo cabelos cor da noite, um olhar altivo e scismador, uma boca triste que sorri por cima da sua tristeza — que sorri corajosamente... Nessa visão não há shahnichir, há, na extremidade de uma grade, um pavilhão muito deteriorado, debruçado sobre o Bósforo... Então, sendo assim, que faço eu aqui? aqui? É noutra parte que quero estar, que devo estar... E se saltasse o muro, seria desleal, mentiroso, visto que... Sim, bem sei que ela há de chorar, a que espera. Mas não viria a chorar mais amargamente, se eu saltasse o muro?

A minha porta; o meu jardim; a minha casa. E imediatamente:

— Osman, Arif! Tchabuk, caik?... O caïque, depressa! Temos de partir.

A grandes remadas, fugimos na corrente, ao



meio do Bósforo, para Stambul, para Péra. A esquerda, brilham ainda as últimas luzes de Canlidja. Não tarda que se apaguem: passa da meia-noite. Ah! desta vez, sinto que o meu pulso lateja de febre. Mas não pararei, não!

Arif, Osman! Tchabuk!...

XXIX

13 de Novembro.

A minha mesquita de Mehmed Sokoli é uma mesquitinha de bairro, que está pendurada no flanco da colina de At-Meidan, — o Hipódromo de Bizância — do lado do mar de Mármara. Passei muitas vezes junto dela sem a ver, reparando apenas no minúsculo cemitério que a rodeia, um adorável e velho mezzar semelhante a um bosque muito copado, cujos túmulos antigos se agacham sob ondas de hera e de bignónias. Mas a mesquita de Mehmed Sokoli é talvez mais bela que o seu mezzar. Imaginaí uma nave toda de mármore branco, cinzelada e dourada como uma jóia. O mármore é antigo, alambreado a intervalos, e diáfano; o ouro mate perde-se delicadamente entre as tintas de âmbar. O mirhab (altar) é revestido, de alto a baixo, de antigas faianças persas, brilhantes como flores ao sol. E os vitrais, pintados ou baços, transfiltram uma luz doce e clara, convidando à intimidade.

Foi por acaso que descobri a mesquita de Mehmed Sokoli. Quando ontem ali passava, a porta do pátio estava aberta. Falavam dentro desse pátio. Entrei. Duas pequenitas, uma vestida de amarelo, outra de verde, jogavam à pancada, — um jogo muito turco — soltando risadas e gritos agudos. O pátio, fechado e lageado, formava um redondel magnífico. As pequenas perseguiam-se por entre as velhas colunas, apinhavam-se, lutavam como cabrinhas doidas, e acabavam por cair, rolando no chão entre as grandes ervas medradas nas fendas do mármore. Ambas de pé, e graves, puseram-se a examinar-me. A do vestido amarelo, depois de breve reflexão, palrou qualquer coisa para a do vestido verde. Esta saiu. Aquela fez-me sinal para esperar. Esperei quatro minutos. Reapareceu a do vestido verde, e atrás, o iman da mes-

O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO D^r ALBERTINO DA SILVA.

(Continuação)

quita: um velho Osmanli puro sangue, e com certeza, a mais longa barba branca que eu vira nesta serena Turquia, onde as barbas brancas abundam. Julgaram-me um visitante da mesquita, e o iman, bom homem, trazia as chaves do santuário.

Comecei a visita, por deferência, imaginando tratar-se de qualquer mesjid banal. Mas logo parei, no limiar, estupefacto de admiração. O iman, orgulhoso da minha surpresa, sorria. Apresentei-lhe os meus cumprimentos, num turco não muito correcto, mas que ele teve a delicadeza de compreender. Então empenhou-se em me mostrar tudo, o alfa e o ómega, os rendados do mármore, as colorações das faianças.

As duas pequenitas seguiam-nos, sérias como abadessas, escutando atentamente. Depois de eu me ter extasiado por toda a parte, e sem lisonja, o iman, sempre sorridente, desculpou-se do miserável tapete que pisávamos: esse tapete não passava de um farrapo. Mas os tapetes de mesquita são caros, e a paróquia de Mehmed Sokoli não é rica.

Quando Mehmed Sokoli, que foi grão-vizir do Sultão Solimão, o Magnífico, edificou a nossa mesquita, não poupou nada e prodigalizou todo o seu tesouro. Já lá vão quatrocentos anos. E hoje somos pobres. Por isso o tapete esburacado ainda ali está...

Ingenuamente, supus ouvir um pedido disfarçado, e puxei discretamente pela bolsa. Mas pouco faltou para que o iman se zangasse. Os simples kayins (sacristães) das grandes mesquitas, corrompidos pela incessante procissão de excursionistas infelizes e de seus cicerones, aceitam, e até reclamam, o backechich, de que todos os levantinos gostam. Porém, os imans são mais dignos; e este era um Velho Turco. Recusou terminantemente. Entretanto, estava escrito que eu ganharia o pleito e que me seria permitido lançar o meu óbulo no mealheiro do futuro tapete da mesquita. Quando trocávamos, o iman, as pequenas e eu, os nossos salames de despedida, uma personagem inesperada atravessou o pátio, e parou, ao ver-nos. Era o marechal Mehmed Djaleddin, que passeava por ali, sem dúvida no intervalo de duas audiências na Sublime Porta, que fica próxima...

— Oh, senhor coronel, por aqui? tornou-se, acaso, tão bom Osmanli que não há forma de o encontrar senão em Stambul e a fazer as suas orações em nossas mesquitas? Há mais de quinze dias que o não vejo.

Mehmed paxá vestia o pequeno uniforme de marechal, que não deixa lugar a equívocos. Mas como o iman era mais velho, foi Mehmed paxá que primeiro saudou. De resto, eram velhos amigos. Trocados os cumprimentos vulgares, Mehmed agarrou com uma das mãos o vestido verde e com a outra o vestido amarelo, e fez saltar as duas pequenitas a seis pés de al-

tura. Eram netas do iman. Houve grandes gritos de alegria.

— E agora — disse Mehmed, depondo o seu duplo fardo — senhor coronel, estou às suas ordens, se quer dar-me o prazer de um passeio comigo. Ia sair, não é verdade?

— Ia, depois de haver tentado, debalde, realizar uma acção piedosa, por intermédio do iman.

— Que acção?

— O tapete da mesquita reclama successor, e eu queria contribuir... mas parece que sou demasiado descrente...

Mehmed paxá desatou a rir, e, por sua vez, atacou o iman com alguns gracejos amistosos. A resistência não foi grande. E a minha oferta foi aceite.

— É um Velho Crente — disse-me Mehmed paxá, enquanto subíamos as vielas que levam a At-Meidan — exagera às vezes um pouco; mas é um excelente homem, e de uma delicadeza à antiga. Olhe, há alguns meses veio aqui, num hiato, uma patriciã sua, madama de Retz. D'Epernon, o nosso amigo D'Epernon, recomendou-ma. Mostrei-lhe Stambul. Ora, à porta desta mesquita, madama de Retz hesitou: tinha de enfiar umas enormes pantufas, as mesmas que o senhor há bocado calçou por cima das suas botas... Diacho! não se entra numa mesquita sem pantufas. Madama de Retz olhava para os pés e hesitava: — Com essas cousas vou cair, com certeza... — Então o nosso iman baixou-se e limpou-lhe os borzeguins de pelica branca, paternalmente, com a aba das suas vestes: — Entrei sem pantufas! Zavar yok (não faz mal), os pés são tão pequenos...

Chegámos ao At-Meidan, e os belos minaretes da Achmédie-Djami erguiam-se acima dos platânos circuncjacentes.

— Senhor coronel: sei que é amigo de lady Falkland, que, se bem me lembra, lhe indiquei noutro tempo, nas Águas Dóces da Ásia... Sim... Ora... tem-na visto recentemente?

— Não a vejo há quinze dias, senhor marechal.

— Ah!... vê-la há breve?

— Ignoro-o. E francamente, não sinto grande desejo de lhe fazer frequentes visitas: o marido é de índole a interpretar erradamente a mais simples deferência...

— Sim...

Mehmed reflectiu um minuto. Depois, súbito:

— Não gosto de me intrometer no que não me diz respeito, nem a mim nem ao senhor. Contudo, faço-o hoje porque, na verdade, aquele Falkland é um patife. Oíça: a casa deles é uma das que, por dever de officio, tenho de vigiar... isto fica entre nós, bem entendido. O que convém que o senhor saiba, — para o repetir, se o coração lho ditar — é que naquela casa uma hedionda traição se machina contra a sua amiga. Eu não sei, de perto, mais do que isto. Adeus,

senhor coronel. Tenho que fazer aqui, na Escola de Artes e Ofícios.

XXX

Não menti a Mehmed paxá, quando lhe disse que não via lady Falkland há quinze dias; — exactamente, desde a visita que lhe fiz, em Canlidja, a quatro deste mês. Pior do que isso: não recebi a carta que ela me prometera nessa mesma tarde — a carta que devia fixar a nossa próxima entrevista em Stambul. As palavras de Mehmed paxá são, pois, inquietadoras. Realmente, conhecendo a espécie de criaturas que rodeiam lady Falkland, há mais tempo eu deveria estar inquieto. Mas o caso é este: esforcei-me, durante esses quinze dias, por pensar o menos possível, em lady Falkland. Questão de egoísmo: na ruazinha de Beicos, junto do famoso muro que não saltei, convenci-me de repente de que lady Falkland ocupa na minha cabeça muito lugar, — demasiado lugar. Lady Falkland tem uns vinte e seis anos, suponho; portanto, tenho eu mais vinte do que ela. Há uma classe inteira de sentimentos, sobre que me se-

Sabonetes "La Toja"

Experimente V. Ex. este maravilhoso sabonete. O unico que evita e cura as doenças da pele.

À venda nas boas casas.

Concessionários em Portugal:

Monteiro Guimarães, Filho, Lda. Porto

ria penoso insistir, a qual não deve existir entre nós. E eu professo demasiado horror ao ridículo para não desconfiar de mim próprio, em semelhante conjectura. Não importa. Não há ridículo que valha perante um dever de amizade. Se não receber, dentro de dois dias, a carta prometida, irei a Canlidja repetir as palavras de Mehmed.

Estas duas semanas gastei-as inteiramente a percorrer Stambul, sózinho. Para quem procura a pacificação e o esquecimento, Stambul é misericordiosa. Encontra-se ali tanto sol, tanto silêncio e tantos túmulos entre as casas! Agora tenho casa em Stambul; uma casa turca idêntica à de Beicos; só lhe falta o Bósforo. A minha casa de Stambul está situada num bairro muito afastado, o de Kara Gumruk. Das janelas vejo o zimbório e os minaretes daquela Sélimiê Djami, onde lady Falkland me conduziu, por ocasião do nosso primeiro passeio, para expor à minha admiração o pátio em forma de claustro, tão lindo e tranqüilo, com as suas arcadas de faiança, as suas colunas de velho mármore e os seus altos ciprestes... De facto, lembro-me havíamos passado, nesse dia, pela minha actual casa, que fica ao centro da imensa cisterna bizantina, transformada agora em jardim; e é uma daquelas casas limpas, inteiramente novas, de um pinho fresco que rescende a resina, que já nesse dia me tinham chamado a atenção...

Ontem passei ali a noite. Fôra longo o meu passeio solitário. Ao pôr do sol, teria que andar duas léguas para chegar a Péra. Havia costeadado toda a Grande Muralha de Stambul, e sentara-me ao fim, perto da célebre Torre de Mármore, que banha no Mármara a sua larga base, roída de algas. O caminho de ferro de San Stephano passa próximo. E eu ouvia às vezes o silvo das locomotivas. Não muito distante, fica a estação d'Iedi-Koulé... Então, como a noite se aproximava e o ouro flamejante das vagas se ia transformando em aço azulado, limitei-me ao caminho da minha casa de Kara Gumruk, vagueando ao longo dos grandes cemitérios que se estendem para além da Muralha, — os grandes cemitérios onde se esconde a estela de Aziyadé...

(Continua)



Toda a mulher elegante, o que equivale a dizer toda a leitora da VOGA, deve ter na sua pequena livraria de cabeceira a

BIBLIOTECA DAS NOIVAS

organizada por César de Frias. Cada livrinho, independente dos outros, trata dum assunto de grande interesse feminino e contém um curioso prefácio. — Estão à venda os três primeiros tomos:

O AMOR — A MULHER — O LAR

O mais gentil dos brindes por ocasião de aniversários, casamentos, Natal, Páscoa, etc.

PREÇOS: Em brochura, cada tomo, 3\$00; Encadernados em peralina, cada tomo, 7\$50, os três tomos num só volume, 15\$00; Encadernados em carneira, os três tomos num só volume, 20\$00.

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

O maior dos sucessos JOÃO CHAGAS TRABALHOS FORÇADOS

EDIÇÃO DEFINITIVA

Em 3 volumes

O diário dum revoltado
As memórias dum idealista

Cada volume 10\$00

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND
Chiado, 73 e 75 — LISBOA

— Suas filhas não gostam de ler?

— Quere que tomem gosto pela boa leitura?

— Dé-lhes o

MAGAZINE
BERTRAND

Lave, ondule e
córte o seu
cabelo

na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
LISBOA
AVENIDA, 35

Grafologia

N.º 417 — *Sempre a rir* — Lisboa — É o grafismo de alguém irradiando mocidade e resolução num grande domínio sobre os seus próprios sentidos e tendências.

Todos os seus gestos são cuidados, sóbrios mas enérgicos, sabendo impôr a sua vontade forte e decidida, com simplicidade e firmeza.

A pesar do seu personalismo não ser excepcionalmente superior, a sua natureza possui magníficas faculdades de intuição, prudência e senso comum, que lhe permitem defender-se dos perigos que, de ordinário, ameaçam sempre a juventude audaz e inexperienced.

N.º 418 — *Anneris* — Lisboa — Dificuldade de expressão, sabendo manter-se digna nas circunstâncias mais difíceis da sua existência mas incapaz de poder dominar a sua sensibilidade, agitada e pouco firme.

Todos os seus defeitos são resultantes deste seu estado de espírito que convém sempre dominar, evitando toda a precipitação e procurando alhear-se mais um pouco da influência dos seus

AS SENHORAS CHICS

residentes nas Avenidas Novas devem preferir, para o corte de cabelo da última moda, o gabinete luxuoso do SALÃO ARTE NOVA, Avenida Miguel Bombarda, 72, onde serão atendidas por um artista especializado em cortes de : : : : : cabelo a senhoras e crianças : : : : :

nervos, sempre rebeldes para manter a calma e ponderação tão necessárias ao seu aperfeiçoamento e disciplina mental.

A sua exterioridade cautelosa e cuidada tornar-se-ia, assim, perfeita, se por ventura pudesse usar mais facilmente a sua força de vontade, sem dúvida forte, regulando com rigor a sua maneira de sentir e... fazer.

N.º 419 — *Josefina da S. N.* — Lisboa — Actividade muito pessoal, manifestando-se não só pesadamente como também vigorosamente, quasi com violência, numa decisão, por assim dizer, «teimosa», não permitindo já mais que, quem quer que seja, possa ascender a um plano superior à sua maneira de ver ou pensar.

É bem o grafismo de quem não consente que a sua vontade seja dominada pela primeira pessoa que surge inesperadamente.

Todavia, quando a sua actividade-passional e até romântica é posta à prova, a sua defesa eclipsa-se e todo o seu espírito submete-se num prazer inexplicável de sujeição e obediência ao mais forte... que nem sempre é talvez o mais perfeito.

São assim as almas sentimentais de algumas portuguesas, doces e submissas, procurando a felicidade no sofrimento estranho de uma dor tão acerba como paradoxal!

N.º 420 — *Sopmac* — Lisboa — Deverei eu revelar-lhe toda a verdade acerca do seu grafismo?

Prefiro ocultar-lhe certos aspectos do seu personalismo, cuja revelação em nada contribuiria para o seu aperfeiçoamento moral. É sempre perigoso e cruel revelar ao doente o prognóstico fatal da doença incurável.

Não obstante, em resposta à sua consulta, poderei simplesmente ministrar-lhe três conselhos que Sopmac, certamente, de bom grado aceitará, desculpando a minha ousadia, aliás obediente à melhor das intenções:

1.º — O seu corpo é como que o navio onde a sua consciência é o Comandante e o seu cérebro o Primeiro Maquinista. Saiba estes, pois, manter toda a disciplina a bordo.

2.º — Nunca dê a conhecer os seus sofrimentos ou alegrias nem se lamenta diante de qualquer pessoa; porque há sempre quem seja mais infeliz e exista em muito piores circunstâncias.

3.º — É sempre muito mais cómodo e menos fatigante ver e ouvir do que dizer; porque antes de censurar os defeitos alheios deveríamos procurar emendar sempre as nossas próprias faltas.

Eis, pois, todo o segredo para obter o triunfo merecido pela sua vontade e as suas boas qualidades de trabalho.

N.º 421 — *Criminosa inconfessável* — O seu crime não está previsto no código mas, não obstante, nesta mal fadada época de egoísmo e indiferença pela dor alheia, o seu caso não é inédito e até, infelizmente, bastante vulgar.

Trata-se de um desequilíbrio entre a sua consciência moral e uma tendência mórbida e inconsciente que, em linguagem clássica, se chama uma impulso-obsessão, aspecto mais vulgar da psicose coacta.

O regime a seguir deverá ser-lhe indicado por um facultativo especialista de doenças nervosas, a quem deve revelar, sem reboço, toda a sua anormalidade psicológica.

N.º 422 — *Serraninha* — Lisboa — Energia física decidida e audaz, sabendo impôr a sua vontade de forma a obter todos os fins em vista, a que aliás não é também estranha uma certa astúcia e reserva muito convenientes.

Todos os demais traços denotam doçura de

Se o arranjo da vossa casa vos preocupa



visitai os



Grandes Armazens Nascimento



S.ª Catarina



Porto

Ayuntamiento de Madrid

temperamento, ponderação e prudência em todas as suas atitudes e gestos.

N.º 423 — *Água-Pé* — Mortágua — Actividade na maioria das vezes precipitada, olhando quasi sempre demasiado longe para que por ventura possa ordenar devidamente, com método e ponderação, os elementos mais próximos e por isso mesmo mais necessários à sua existência.

É bem o grafismo de quem se preocupa mais com o supérfluo do que com o necessário, firmando as suas decisões com lógica mas também violentamente, sem admitir meio termo ou desvios.

É um grafismo digno de um estudo mais profundo, mas o espaço escasseia.

Porque não me consulta por intermédio do Magazine Bertrand?

N.º 424 — *Enio* — Mortágua — Sensibilidade igualmente agitada como no grafismo anterior, mas dominada por uma maior experiência da vida e também um maior... pessimismo.

Dir-se-ia que já pouco crê na felicidade que possivelmente poderá obter neste mundo.

É dotado de uma extraordinária verbosidade, conversador interessante e sempre agradável, sabendo bem a maneira de «levar a água ao seu moinho». Mas aí daqueles que tentem contrapor-se à sua vontade, porque o seu génio não é para graças!

O seu maior defeito será a extrema credulidade e falta de reserva, a que eu poderia chamar demasiada franqueza sómente em sociedade, porque no decurso da sua vida profissional, todos os traços indicam um grande critério e a consciência exacta dos prós ou contras de uma questão.

N.º 425 — *Flor do Mal* — Mortágua — Simplicidade digna e simpática. Possui a visão exacta dos horizontes que a rodeiam, na justa compreensão da melhor atitude que deve tomar no momento oportuno, faculdade esta que constitui sem dúvida uma das condições mais belas para triunfar em todos os seus desejos.

Observadora correcta, verifico que não teme recuar para que assim melhor possa rectificar tudo o que por acaso possa ter ficado menos harmónico ou em luta com a sua consciência.

N.º 426 — *Diabeia* — Lisboa — Firmeza de atitudes, exterioridade cuidada, na maioria das vezes prejudicada por uma leve hesitação a que também não é estranha a sensibilidade natural dos seus nervos, nem sempre doces em obedecer à sua razão...

Sabe dispor todos os pensamentos e gestos da melhor e mais equilibrada maneira, conservando-se sempre absolutamente feminina a despeito das circunstâncias nem sempre propícias e à maneira dos seus desejos.

N.º 427 — *N. M. de A.* — STM. — Regosio-me sobremaneira por me ser dado verificar que V. Ex.ª tem procurado dominar a sua impetuosidade estranha mantendo, não obstante, toda a sua grande força de vontade absolutamente intacta na sequência natural dos seus pensamentos decididos e andazes.

Todos os traços deste grafismo continuam sendo para mim o espécime mais interessante de quantos aspectos grafológicos me tem sido dado analisar.

É que a sua personalidade é sem dúvida tão complexa que os seus traços revelam de cada vez um novo aspecto nas mesmas características morais.

Os traços do documento que tenho presente, são de todos os anteriores os que, sem dúvida, melhor se subordinam a um equilíbrio mais estável e ponderado, devendo por isso considerar-se os mais preferíveis.

N.º 428 — *Uma curiosa* — Lisboa — Lentidão de gestos numa calma demasiada que embora procure sempre dissimular, é mais forte do que a sua vontade.

Dificuldade de assimilação, brandura, bondade natural e... uma parcela de vaidade muito pessoal a manifestar-se quando menos se espera.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.ªs consulentes da Voga, reenderçar estas mesmas consultas para o Magazine Bertrand mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à Voga, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo em papel moeda e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao Magazine Bertrand nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.



MARIA JACOBINI

POR TORRES DE CARVALHO

Na vida, a situação que mais realce dá à mulher é a de artista cinematográfica.

Para o ser, porém, deve possuir dois grandes dotes naturais: beleza e arte.

O primeiro para fascinar e o segundo para ser humana, transmitindo pela expressão os sofrimentos ou as alegrias da alma.

Maria Jacobini, está nestas condições. Tem beleza, aquela beleza que, sem nós sabermos bem porquê, contemplando-a ficamos extáticos, duvidando quasi que um ser humano possa, só por si, usufruir tanta formosura.

Tem arte, aquela arte de saber interpretar os sentimentos, transmitindo-os ao público, claramente, fazendo-o sofrer ou rejubilar, através o mutismo inabalável do *écran*.

Nasceu em Roma e aos dezasete anos, como uma flôr em botão que desabrocha deixando livres as suas pétalas de variegadas côres, interpretou «Lucrecia Borgia». Foi este o seu primeiro trabalho e a sua primeira glória. Os filmes sucederam-se, uns após outros: «Adens Juventude», «Esfinge», «A Rainha do Carvalho», etc., etc. No Cairo, filmou ultimamente

«Oriente» e em Berlim «O Transatlântico» e «Bigamia».

Os seus dois últimos trabalhos, verdadeiras obras de arte de maravilhosa interpretação, foram tirados: «Beatriz Cenci» em Turim, nos *studios* de Madonna di Campagna, da Pittaluga Film e o «Carnaval de Veneza», na cidade homônima, Turim e Aix-les-Bains, produção, também, da Pittaluga.

Maria Jacobini, sendo tão grande na arte, alia duas qualidades que mais querida a tornam ainda: é simples e modesta no seu viver.

Não frequenta reuniões, lê muito, não dança e aborrece os bailes. Quere, com carinho, à sua casa e à sua família e o tempo que ela lhe deixa livre, consagra-o inteiramente à arte que ama apaixonadamente.

Como todas as grandes artistas, é constantemente procurada sob os mais variados pretextos e os momentos que destina para repousar das extenuantes fadigas do *studio*, sêr-lhe-iam absorvidos se não fôsse Rina Lioni, a secretária gentil, quem atendesse quantos se lhe dirigem.



CINEMA CONDES — Brevemente — O ultimo homem sobre a terra

Ayuntamiento de Madrid FANTASTICA HISTORIA DUM MUNDO SEM HOMENS